

Democracia  
Claudicante

Gaudêncio Torquato (\*)

*Afinal, as democracias vivem tempos de erosão? Estão claudicantes? No aclamado Como as Democracias Morrem, os cientistas políticos Steven Levitsky e Daniel Ziblatt sustentam que a erosão democrática pode ocorrer de forma gradual e insidiosa, muitas vezes a partir de líderes eleitos que minam as instituições por dentro.*

## Analisemos.

A ideia de que as democracias estão "morrendo" é complexa e ainda objeto de intenso debate. Embora não haja consenso sobre um colapso iminente, muitos estudiosos apontam para sinais claros de enfraquecimento dos regimes democráticos e para o crescimento de ameaças aos seus pilares. As democracias cambaleiam, não caíram, mas andam trôpegas, como quem sofreu um golpe e tentam, com dificuldade, se manterem em pé. As democracias não morrem, mas adoecem. Na América Latina, a democracia claudica há mais tempo. Após as redemocratizações dos anos 1980, houve grandes expectativas de progresso. Mas o que se viu foi uma bateria de ilegalidades: corrupção endêmica (mensalões, lava-jatos); desigualdade persistente, com milhões vivendo entre o desemprego e a informalidade; crises institucionais, com impeachment e reeleições polêmicas; governos instáveis e populismos de todos os matizes, do bolivarianismo ao ultraliberalismo.

O Brasil é um exemplo claro da democracia claudicante. Sofremos um ataque direto ao processo eleitoral em 2022, com mentiras sobre urnas, tentativas de golpe e culminando nos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023; vivemos uma erosão institucional, com ataques ao Supremo, desrespeito ao Congresso e ameaças frequentes à liberdade de imprensa; a política se transformou em guerra cultural, com pauta moralista, ódio nas redes, negacionismo e uso sistemático de desinformação; a desigualdade social persiste, e a população oscila entre a descrença e a raiva.

Nos países que padecem de claudicância democrática, os fatores mais proeminentes são estes: ataques à democracia vindos de dentro do próprio sistema político; ascensão de líderes populistas autoritários; polarização política extrema; desconfiança nas instituições públicas; uso das novas tecnologias como instrumentos de manipulação e desinformação e ameaças à liberdade de imprensa e expressão.

Traduzindo esses pontos em exemplos concretos. Nos EUA, a presidência de Donald Trump demonstrou como a democracia pode ser tensionada internamente, inclusive com ataques diretos ao sistema eleitoral e ao funcionamento das instituições. Em outros países, partidos e líderes com retórica autoritária vêm ganhando espaço, desafiando normas democráticas e tentando corroer instituições de dentro para fora; a polarização extrema dificulta o diálogo entre grupos políticos e sociais, tornando mais árdua a construção de consensos e o avanço de políticas públicas de interesse coletivo.

E mais: a confiança nas instituições — como a mídia, o Judiciário e os Parlamentos — vem diminuindo, alimentando teorias conspiratórias e discursos antissistêmicos; as tecnologias digitais têm sido utilizadas para

espalhar desinformação e manipular a opinião pública, distorcendo o debate democrático; por fim, a liberdade de imprensa tem sido ameaçada, enquanto a proliferação de fake news compromete o acesso da sociedade à informação confiável — elemento essencial à democracia.

Apesar desses sinais de alerta, há quem conteste a tese da "morte" da democracia. Muitos argumentam que, mesmo sob pressão, as democracias têm mostrado notável capacidade de resistência. É o caso dos Estados Unidos, onde as instituições sobreviveram aos arroubos autoritários. Em outros países, o engajamento cívico e a vigilância da sociedade civil têm funcionado como antídotos contra retrocessos.

O fato é que a participação ativa dos cidadãos na defesa dos valores democráticos e na busca de soluções públicas fortalece o tecido institucional. A mobilização social e institucional é, portanto, um sinal de resiliência, não de agonia. Steven Levitsky adverte que os Estados Unidos caminham perigosamente para o enfraquecimento democrático. Segundo ele, o país hoje "se parece muito mais com regimes da América Latina do que antes". Embora não acredite num colapso total, vê em Trump — e no movimento que o cerca — a maior ameaça às instituições democráticas americanas na história recente. Para Levitsky, os EUA têm muito a aprender com os erros e lições vividos por países latino-americanos.

Quanto ao Brasil, o diagnóstico é mais otimista. Não se pode afirmar que a democracia brasileira esteja claudicante. Pelo contrário: há sinais visíveis de vitalidade institucional e social. Destaco alguns pontos: a polarização política, embora preocupante, pode ser interpretada como sinal de vitalidade social e engajamento político da cidadania; os Três Poderes da República seguem funcionando regularmente (as tensões entre eles, longe de significarem disfunção, fazem parte da dinâmica democrática, que pressupõe freios, contrapesos e o respeito ao contraditório); o cidadão brasileiro demonstra crescente interesse pela vida pública, evidenciado no florescimento de movimentos sociais e organizações da sociedade civil.

São quase um milhão de ONGs no país, muitas voltadas à defesa de causas como os direitos das mulheres, dos negros, dos indígenas, do meio ambiente; as manifestações de rua voltaram com vigor, reunindo expressiva parcela da população — mobilizada por partidos, lideranças e movimentos sociais. Trata-se de uma forma legítima e democrática de expressão.

É inegável que há ameaças e fragilidades. Mas democracia não é obra acabada. Está sempre em construção. Não é uma mera figura de linguagem, é uma tarefa. E, por isso mesmo, exige vigilância constante, disposição para o diálogo e confiança na capacidade de regeneração de seus mecanismos. Ela manca porque foi golpeada, mas continua em pé. Não caminha com firmeza, mas não caiu. E essa aparente fragilidade exige de nós uma atitude: ou ajudamos a se reerguer, ou a empurrarmos de vez para o abismo. Ela precisa de reabilitação. Mais do que reformas institucionais, exige reconstrução de confiança, educação cívica, inclusão social e tolerância política. Se está claudicante, cabe a nós sermos suas muletas, seu fisioterapeuta e, quem sabe, seus novos pés.

(\*) Escritor, jornalista, professor titular da USP e consultor político

## Agentic AI: o próximo salto tecnológico do e-commerce

O e-commerce avançou em ritmo acelerado na última década, impulsionado pela digitalização do consumo e pelo aumento da expectativa por experiências personalizadas.

Camila Alcalde (\*)

O que antes se limitava a sugestões baseadas no histórico de compras, hoje evoluiu para jornadas que precisam ser fluidas, responsivas e quase intuitivas. Nesse novo cenário, os consumidores esperam que as marcas antecipem necessidades, respondam em tempo real e ofereçam interações mais simples e inteligentes, com menos atrito e mais relevância.

É nesse contexto que emerge o Agentic AI, uma abordagem de inteligência artificial que introduz um novo nível de proatividade nas relações entre marcas e consumidores. Diferente dos assistentes virtuais tradicionais, que apenas reagem a comandos, os agentes de IA são capazes de interpretar dados, compreender contextos, tomar decisões e executar tarefas de forma autônoma. Mais do que responder, eles agem conduzindo a experiência digital com inteligência e fluidez.

A arquitetura do Agentic AI combina inteligência artificial generativa, automação de processos e capacidade de adaptação em tempo real. Um agente pode analisar preferências e comportamentos, identificar oportunidades e recomendar ofertas de forma contextual e precisa. Pode também definir a melhor opção de entrega, processar o pagamento com segurança e concluir a transação sem necessidade de interação ativa do usuário.

Com isso, a jornada do consumidor se transforma. O foco deixa de ser o autoatendimento para dar lugar a uma lógica de personalização proativa, na qual as soluções antecipam e atendem demandas antes mesmo que o cliente as manifeste. Segundo o Gartner, até 2027, 85% das interações digitais incluirão algum nível de automação proativa — um dado que ilustra a velocidade e a profundidade dessa transição.

Essa mudança tecnológica vem acompanhada de resultados concretos. Segundo estudos da McKinsey & Company, empresas que lideram em personalização geram até 40% mais receita em comparação com seus concorrentes. Isso reforça que a personalização deixou de ser uma vantagem competitiva e passou a ser um imperativo estratégico para quem deseja se manter relevante no ambiente digital.

Nos Estados Unidos, o conceito já começa a sair do papel. Plataformas de e-commerce integram modelos de linguagem avançados para permitir interações conversacionais que resultam em compras finalizadas diretamente no chat. Agentes de IA centralizam dados de produto, ajustam preços dinamicamente, validam informações e processam pagamentos em segundos, tudo com foco em reduzir fricções e aumentar conversão.

O Brasil, embora ainda não conte com essa tecnologia em larga escala, apresenta um cenário extremamente promissor. O consumidor brasileiro é digitalmente maduro, o uso de carteiras digitais



Camila Alcalde

e pagamentos instantâneos está consolidado, e a penetração do e-commerce segue em crescimento. O desafio, e a oportunidade, está em preparar a infraestrutura tecnológica para essa nova era: integrar dados, unificar sistemas, investir em segurança e redesenhar jornadas com foco na antecipação de necessidades.

O Agentic AI representa mais do que um avanço incremental: é uma mudança de paradigma. Ao migrar de um modelo reativo para um ecossistema que antecipa, decide e executa, o comércio digital dá um salto em eficiência, personalização e satisfação do cliente. As empresas que entenderem esse movimento e se prepararem desde já estarão em posição privilegiada quando a adoção se tornar massiva.

No e-commerce do futuro, a experiência de compra será conduzida por agentes de IA que atuarão com agilidade e precisão no exato momento em que a necessidade surgir. Essa transformação não é mais uma previsão, é uma preparação. E o momento de se preparar é agora.

(\*) Head of Enterprise Sales do PayPal Brasil.

## Crescimento da IA impulsiona demanda por energia

Com a aceleração do uso de Inteligência Artificial em escala global, a demanda por energia elétrica cresce de forma exponencial. Centros de dados, algoritmos de machine learning, modelos generativos e operações em nuvem exigem estruturas robustas de processamento e, consequentemente, alto consumo energético. Essa realidade já impacta diretamente o setor de energia e tecnologia, exigindo novas respostas tanto do ponto de vista da infraestrutura quanto da segurança no fornecimento.

De acordo com relatório da International Energy Agency (IEA), os data centers, as redes e os dispositivos digitais consumiram aproximadamente 460 TWh em 2022, o que representa cerca de 2% da demanda elétrica global. A previsão é de que esse número duplique até 2026, impulsionado principalmente pela popularização de aplicações baseadas em IA. Outra projeção que chama atenção vem da BloombergNEF, que estima que o mercado de data centers ligados à IA pode movimentar quase US\$ 76 bilhões até 2028.

O consumo energético desses sistemas cresce à medida que as empresas adotam soluções inteligentes para automação, análise de dados e atendimento ao cliente, entre outras frentes.

No Brasil, o impacto já é percebido com mais clareza. A Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) alerta que a integração de tecnologias de alta potência, como IA, deve pressionar ainda mais a matriz elétrica nacional. No cenário regional, a Usina de Itaipu, uma das maiores geradoras de energia limpa do mundo, avalia ampliar em 10% o número de turbinas, prevendo que o Paraguai e o Brasil elevarão o consumo de energia nos próximos anos, movimento que acompanha a digitalização e o avanço tecnológico em ambos os países.

## Eficiência, continuidade e personalização: pilares da nova era energética

Em meio a esse novo contexto, cresce a importância de garantir continuidade operacional e estabilidade elétrica, especialmente para empresas que trabalham com dados críticos

ou operações digitais ininterruptas. Na NHS, essa realidade já é percebida de forma prática com o aumento da procura por nobreaks de alta performance e soluções personalizadas para diferentes setores da economia. "Nós acompanhamos de perto essa transformação e entendemos que a inteligência artificial e a digitalização criam novas demandas de energia e proteção elétrica. Por isso, temos investido em soluções customizadas, que se adaptam à realidade de cada cliente", afirma Elisângela Auer, Diretora Comercial e Marketing da NHS.

Um exemplo recente dessa flexibilidade foi o desenvolvimento de um nobreak horizontal, criado sob medida para atender às especificações de um parceiro do setor industrial. "O equipamento foi desenhado para se encaixar perfeitamente dentro da estrutura física do cliente, otimizando espaço sem abrir mão da proteção e da autonomia energética. Essa é a essência da nossa engenharia: criar junto, atender com precisão e garantir desempenho", explica Rui Procópio da Silva Filho, Diretor de Operações da NHS.

## News @TI

## Plataforma de saúde mental

@ Lançada este ano, o Zenith — solução que usa IA para mapear e atacar a causa-raiz do adoecimento psíquico no ambiente do trabalho, amplia a área geográfica de atuação e está conquistando espaço em outras culturas de trabalho e continentes, dada a seriedade com que o tema de saúde mental é tratado. "A norma chega atrasada no Brasil em relação às economias mais avançadas do mundo — foi

o Reino Unido que implementou as primeiras normativas de gestão de estresse organizacional em 1984. O Brasil também fica para trás em relação a atores emergentes como Colômbia, que levou a cabo a implementação de normas de gestão de estresse organizacional em 2012, seguida pelo México em 2017", explica Glauco Callia, CEO e fundador do Zenith, ao lado do especialista em inovação e transformação digital, Rodrigo dos Anjos (<https://zenithbr.com/>).

ricardosouza@netjen.com.br